

# Que tem se falado sobre prática na área de Administração no Brasil?

## *What is been said about practice in the field of Administration?*

### **Adriana Teixeira Bastos**

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

email: [adriana.bastos@uece.br](mailto:adriana.bastos@uece.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3789-9956>

### **Cláudio César Torquato Rocha**

Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC/CE)

email: [claudio\\_torquato@yahoo.com.br](mailto:claudio_torquato@yahoo.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6691-804X>

### **José Ricardo Costa de Mendonça**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

email: [jose.mendonca@ufpe.br](mailto:jose.mendonca@ufpe.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7718-984X>

## ■ RESUMO

O trabalho em questão visa a identificar o emprego das teorias da prática em publicações da área de Administração, entre 2014 e 2019, no Brasil. Para isso, optamos pela revisão sistemática da literatura dos trabalhos apresentados em eventos da ANPAD e na base de dados SPELL. Procuramos identificar onde se situam os 118 trabalhos analisados em relação ao emprego das teorias que fundamentam tais práticas. Encontramos que as classificações existentes na literatura não dão conta da diversidade da pesquisa sobre prática no Brasil, assim como argumentamos que as censuras sobre a redução do poder crítico das teorias da prática são procedentes, pois a análise também nos possibilitou apontar, de modo específico, qual o percentual de trabalhos que corroboram as críticas levantadas por vários autores de que muitos não têm concepção clara do que vem a ser práticas, haja vista sublinhar que 10,17% dos trabalhos não articulavam de forma coerente os teóricos/rótulos entre si.

**Palavras-Chave:** Teorias da Prática. Revisão sistemática. Estudos baseados em Prática. Epistemologia da Prática.

## ■ ABSTRACT

The work seeks to identify the use of theories of practice in publications in the field of Administration between 2014 and 2019, in Brazil. We opted for a systematic literature review of the works presented at ANPAD events and in the SPELL database. We tried to identify where are the 118 works analyzed in relation to the use of theories of practices located. We found that the existing classifications in the literature do not account for the diversity of research on practice in Brazil, as well as we argue that the criticisms, about the reduction of critical power of theories of practice are provided, as the analysis allowed us to point out the percentage of works that corroborate the criticisms that many are not clear about what practices are, given that we indicate that 10.17% of the works did not coherently articulate the theoretical/labels each other.

**Key-words:** Theories of Practice. Systematic review. Practice-based studies. Epistemology of Practice.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a identificar o emprego das teorias da prática em publicações da área de Administração, no Brasil, entre 2014 e 2019. O motivo deste recorte temporal, baseou-se na identificação de trabalho semelhante ao nosso, desenvolvido por Bispo, Soares e Cavalcante (2014), que fazia um panorama da publicação brasileira até o ano de 2013. Mas, mesmo em se tratando de pesquisas com objetivo geral semelhante, o presente trabalho, realiza procedimentos de análise diferentemente, além de envolver outras categorias analíticas.

Para alcançar este objetivo, identificamos onde se situam os trabalhos analisados em relação ao emprego das teorias das práticas e, para isso, fez-se inicialmente uma revisão sobre formas de classificação das teorias da prática nas Ciências Sociais e, também, no campo dos Estudos Organizacionais (EO).

Quanto a isso, é bom lembrar que nossa intenção não é desenvolver nova classificação, pois vários autores nacionais e internacionais já discorreram sobre isso nos EO (BISPO, 2015). Nosso estudo, ao buscarmos compreender como se situam as publicações no Brasil, utiliza classificações propostas anteriormente por outros autores, como parâmetro para a compreensão dos dados obtidos com a pesquisa. Portanto, para a análise, optamos pelo emprego do método dedutivo de reconhecimento dos fenômenos. Esta opção se deve à tentativa de reconhecer qual tem sido o caminho percorrido pelos pesquisadores que publicam no Brasil, sem desconsiderar as diversas classificações já existentes.

Também entendemos que buscar conhecer o que se fala sobre Prática não é empreendimento fácil, notadamente pela diversidade de vocabulário, teorias, instrumentos, objetos empíricos e temas relacionados. Esta noção ficou cada vez mais evidente a cada leitura que fazíamos do *corpus*, o que nos indicou que um trabalho síntese, no sentido de facilitar a compreensão dos recortes empregados nas pesquisas/publicações no país, o que poderia se constituir em contribuição relevante para o campo, notadamente para aqueles pesquisadores que estão se iniciando na temática. Também não foram identificadas revisões de literatura anteriores que apresentassem análises e resultados semelhantes, fato este indicador de que o

presente trabalho ainda contribui, por sua relevância teórica, ao preenchimento desta lacuna.

Para consecução da pesquisa, optamos pela revisão sistemática da literatura. Como lembra Mendes-da-Silva (2019, p. 1), “a necessidade de uma revisão da literatura pode estar apoiada tanto na abundância de informações, como na divergência de opiniões, ou mesmo na falta de consenso acerca de determinado tópico”. Desta forma, parece oportuna esta escolha metodológica, tendo em vista a expressiva quantidade, além da velocidade, segundo a qual novas publicações são continuamente colocadas ao dispor da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo, além do arcabouço teórico estar em constante construção. Esta decisão metodológica, também se assenta na compreensão de que se trata de uma técnica abrangente, com estratégia de busca explícita e rigorosamente aplicada, possibilitando a confiança nos achados da pesquisa, por permitir a checagem dos dados de modo que a garantir os mesmos resultados em momentos distintos.

Quanto ao elenco dos 118 artigos analisados, esclarecemos que sua identificação se iniciou com a consulta aos anais dos Encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), no site desta instituição, que ocorreu em 11 de novembro de 2019, com a utilização do descritor ‘Prática’, onde encontramos 384 (trezentos e oitenta e quatro) trabalhos entre 2014 e 2019.

A opção pelos artigos publicados nos encontros da ANPAD recaiu sobre o fato de distinguirmos a instituição como a principal associação de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Administração e, por reconhecermos que ela “desenvolve um consistente trabalho na promoção do ensino, da pesquisa e na produção de conhecimento dentro do campo das ciências administrativas, contábeis e afins no Brasil” (ANPAD, 2020, online).

Para identificação dos trabalhos que levavam em consideração estas teorias e não somente prática na acepção de uma ocupação ou campo de atividade ou outros significados, dada a polissemia do termo (CORRADI, GHERARDI, VERZELLONI, 2008; 2010), foi necessária uma triagem dos trabalhos, levando-se em consideração uma ou algumas das seguintes fases: a) leitura do título; b) leitura dos resumos e c) leitura das referências.

Procedimentos estes necessários, pois apesar de alguns autores procurassem deixar claro no próprio título que as teorias da prática seriam levadas em consideração para o desenvolvimento do trabalho, outros trabalhos não faziam o mesmo, o que requereu a leitura do resumo. Mas, em alguns casos, no que pese a leitura do resumo, ainda permanecia a dúvida se o enfoque era realmente em uma das teorias da prática e se o artigo deveria ser escolhido. Assim, tornou-se necessária a análise das referências, para verificar se empregavam autores aderentes às teorias da prática. Para vários artigos foi realizada tanto a leitura do resumo quanto a das referências, para possibilitar uma escolha acertada. Ao final, acabaram sendo selecionados 105 (cento e cinco) artigos do site da ANPAD, após excluídos os trabalhos que atuavam apenas como resumo.

Decidimos ainda por fazer uma varredura, em 02 de dezembro de 2019, na base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), que faz a indexação dos trabalhos em Língua Portuguesa, para o período de janeiro de 2014 a dezembro de 2019. Inicialmente, utilizamos o mesmo critério empregado no site da ANPAD e colocamos o descritor 'Prática' no título, sem nenhum tipo de restrição quanto a área de conhecimento, mas admitindo apenas artigos, o que gerou 643 resultados. Em função do tamanho dos achados, consideramos desnecessário seguir a lógica que foi oportuna para a busca no site da ANPAD, pois naquela página não dispúnhamos de outra maneira para identificar o *corpus*. Por isso, cruzamos também este número inicial com o descritor 'Prática' nas palavras-chaves, resultando na identificação de 25 artigos, que, após filtragem igual a realizada nos trabalhos da ANPAD, culminou na identificação de apenas 15 trabalhos.

Após definido o conjunto de trabalhos que seriam analisados, foi feita a verificação dos artigos redundantes, o que levou a identificarmos que 02 (dois) artigos apareciam tanto na página da ANPAD, quanto da SPELL. Nestes casos optamos por deixá-los na lista da SPELL. Em sendo assim, o *corpus* sobre o qual nos debruçamos para reconhecer o que falta nas publicações brasileiras sobre práticas foi composto por 118 (cento e dezoito) trabalhos.

Uma vez definido o *corpus*, seguimos para classificar os artigos. Fizemos a leitura completa de cada

artigo e, com ajuda do Atlas.ti, fomos alocando cada um deles conforme as classificações identificadas na literatura (apresentadas nas seções seguintes) e, ainda, outra classificação que emergiu durante as análises com o intuito de destacar a coerência em relação ao emprego das classificações existentes. Ressaltamos que a análise do *corpus* foi toda qualitativa, embora, ao final, tenha sido possível apresentar uma síntese dos achados de modo numérico. Portanto, pode-se afirmar que tanto empregamos a abordagem quantitativa quanto a qualitativa para desenvolver as análises da pesquisa.

## 2 PRÁTICAS SOCIAIS E PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS

O interesse pelo tema da Prática na área da Administração é conhecido na literatura particular deste campo do saber como “virada” dos estudos organizacionais. Para entender como isso aconteceu precisamos, compreender o que é a Teoria da Prática e em como ela aconteceu nas Ciências Sociais. Neste intento, o trabalho de Reckwitz (2002) é esclarecedor em demonstrar como a Teoria da Prática se desenvolve no conjunto das teorias culturalistas, em movimento que passou a ser reconhecido nas Ciências Sociais como ‘virada da prática’.

Reckwitz (2002) lembra haver um número considerável de diferenças entre as teorias da prática social e outras formas de teoria culturalista (cultural mentalismo, textualismo e intersubjetivismo), mas o mais importante e elementar, e que leva a todas as outras diferenças, é que a teoria da prática situa o social em um domínio diferente das outras teorias culturalistas. O ‘lugar’ do social ou a ‘menor unidade’ da análise social, na teoria da prática, é a prática social e, portanto, esta unidade de análise é conceituada de maneira diferente em relação as outras teorias culturais.

Para esclarecer a “virada da prática” nas Ciências Sociais, Reckwitz (2002) explica que desde o surgimento da filosofia moral escocesa, ao final do século XVIII, a teoria social moderna desenvolveu três princípios fundamentais diferentes, para explicar a ação e a ordem social: o primeiro é dos utilitaristas escoceses, mas o que chega à teoria da

escolha racional contemporânea, é a teoria da ação (equivalente à figura do *homo economicus*). O segundo é apresentado por Durkheim e Parsons como a teoria da ação orientada por normas (equivalente à figura do *homo sociologicus*). Estes dois princípios socioteóricos clássicos são concebidos como opções conceituais opostas, mas ambos foram desafiados por um terceiro princípio, surgido como resultado das revoluções ‘culturalistas’ da filosofia social no século XX. A novidade das teorias culturalistas consistiu em explicar e compreender ações reconstrutoras das estruturas simbólicas do Conhecimento, que permitem e restringem os agentes a interpretar o mundo de acordo com certas formas e a se comportar de maneira correspondente. A ordem social, pois, não aparece como produto do cumprimento das normas, mas incorporando estruturas cognitivas coletivas e simbólicas, em um conhecimento compartilhado que permite uma maneira socialmente comum de atribuir significado ao mundo (RECKWITZ, 2002).

Todos os teóricos da prática são, portanto, exemplos de referências das teorias culturalistas, no sentido de que acolhem princípios, tanto orientados para o propósito individual (*homo economicus*), quanto para a norma, como modelos de explicativos da ação (*homo sociologicus*), assim como rejeitam como menor unidade de análise social, respectivamente, ações individuais e estruturas normativas (RECKWITZ, 2002).

Reckwitz (2002) define prática como um tipo de comportamento rotineiro que consiste em vários elementos interconectados entre si: formas de atividades, formas de atividades mentais, ‘coisas’ e seu uso, um conhecimento prévio na forma de entendimento, know-how, estados de emoção e conhecimento motivacional. Uma prática – uma maneira de cozinhar, de consumir, de trabalhar, de investigar, de cuidar de si ou dos outros etc. – forma um ‘bloco’ cuja existência depende necessariamente da presença e da interconexão específica destes elementos que não podem ser reduzidos a nenhum destes elementos únicos. Da mesma forma, uma prática representa um padrão que pode ser preenchido por uma infinidade de ações singulares e uma única ação exercida várias vezes e que reproduzem a prática (uma certa maneira de consumir bens pode ser preenchida por muitos atos atuais de consumo). Desta forma, corpo, mente,

coisas, conhecimento, discurso, estrutura/processo e agente, têm seus status alterados quando abordados pelos teóricos da Teoria da Prática (RECKWITZ, 2002).

Já para Schatzki (2005), prática é uma maneira rotineira pela qual os corpos são movidos, os objetos são manipulados, os assuntos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é compreendido, assim como: práticas políticas, práticas culinárias, práticas educacionais, práticas de gerenciamento, práticas de chão de fábrica e práticas de design.

Volvendo às tradições do estudo da prática, apresentamos o Quadro 1, com breve síntese da conjugação do que foi obtido na revisão da literatura empreendida com o que se mostrou mais recorrente no *corpus* analisado. Aproveitamos para ressaltar que o Quadro 1, como apresentado a seguir, também representa apenas um recorte que elegemos para consecução desta pesquisa, pois, como lembra Bispo (2013), a escolha dos recortes é apenas uma opção de pesquisa e não significa que foram apenas estes autores a refletir sobre prática ou que o avanço dos Estudos Baseados em Prática (EBP) é associação exclusiva destas teorias e concepções.

Cabe destacar, aqui, que, como paradigma teórico, a teoria da prática é ainda um cenário intelectual relativamente não estabelecido, com múltiplas fontes, influências e instâncias. Sendo assim, não existe um quadro teórico definitivo sobre teoria da prática amplamente aceito pelos pesquisadores. Apesar disso, a teoria da prática tem demonstrado potencial interessante para a análise de fenômenos sociais e organizacionais (FIELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Uma vez esclarecido sobre em como ocorreu a “virada da prática” nas Ciências Sociais, culminando com a identificação dos teóricos da prática apresentados no Quadro 1, cabe agora entender como este arcabouço teórico passou a povoar os estudos na área da Administração.

Enquanto nas Ciências Sociais o movimento em torno da prática começou entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a “virada da prática” nos EO vai ocorrer apenas do final dos anos 1980 para o início dos anos 1990, praticamente uma década depois.

Conforme lembra Gherardi (2000), as iniciativas surgiram em função do desejo de evitar os perigos da visão mentalista e da comoditização do Conheci-

**Quadro 1** Teóricos da prática e respectivas noções de prática

Autor	Noção de Prática
Pierre Bourdieu	“A prática é, [...] é o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas graças às transferências análogas de esquema, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados” (BOURDIEU, 1983, p. 65).
Anthony Giddens	Sistemas sociais possuem “propriedades estruturais”, ou seja, redes institucionalizadas de relações sociais, fundamentadas em práticas reproduzidas em amplos tempo e espaço. Mas a estrutura é uma noção mais elementar que essa, e existe sem tempo e espaço. A estrutura existe apenas como a intelegibilidade dos agentes humanos e na instanciamento nas práticas sociais, por sua vez as propriedades estruturais dos sistemas aparecem como “criadas” por esses agentes (GIDDENS, 1985).
Michael Foucault	As práticas são o objetivo da análise de modo que esta análise possibilite compreender as condições que tornam as práticas aceitáveis em um determinado momento, portanto as práticas são entendidas como lugar do que é dito e feito, regras impostas e razões dadas, planejada e tomada como garantida e interconectada (FOUCAULT, 1991b, p. 75 apud POWER, 2011, p. 36).
Bruno Latour	A Teoria Ator-Rede (TAR) alega que é impossível entender o que mantém a sociedade unida sem reinjetar em seu tecido os fatos fabricados pelas ciências naturais e sociais e os artefatos projetados pelo engenheiro, para fazer isso, não se limita aos atores individuais humanos, mas estende a palavra ator - ou agente - como as entidades não humanas e não individuais que interagem na prática (LATOURE, 1996).
Theodore Schatzki	Prática significa dizer atividades humanas organizadas. São exemplos as práticas políticas, práticas culinárias, práticas educacionais, práticas de gerenciamento, práticas de chão de fábrica e práticas de design. Qualquer prática é uma variedade de ações organizadas e abertas no espaço-tempo. O lugar da vida social é composto por um nexo de práticas humanas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2005).
Michel de Certeau	As contribuições do padre, historiador e filósofo francês Michel de Certeau ao campo da Administração repousam na compreensão de que o cotidiano é constituído por práticas, que são maneiras de fazer empregadas pelo homem, a partir de bricolagens, a fim de driblar formas de controle impostas pela sociedade, sobretudo por meio do discurso (CARLOS; OLIVEIRA, 2019). Os praticantes recebem o cotidiano ao mesmo tempo, em que é inventado por eles, em uma dinâmica micropolítica entre sujeitos de posições heterogêneas e efêmeras, que são próprias do homem ordinário.
John Dewey	Em sua epistemologia da prática, preocupa-se com a prática do professor reflexivo, tanto na sua ação em sala de aula, quanto como locus de formação situada e contextualizada, ressaltando a interação entre professor, aluno e escola. Para Dewey, “as construções de conhecimentos via integração e interação seriam produto da experiência entre os sujeitos e os seus saberes” mediante a reflexão sobre sua prática durante e após a ação (MEDEIROS; MENDONÇA, 2019, p.5).

**Fonte:** Elaborado pelos autores

mento. No entorno deste anseio foram desencadeados alguns movimentos de coordenação das ações assim ilustrados pela autora: primeiro, o simpósio intitulado ‘Aprendizagem Situada, Conhecimento Local e Ação: abordagem social para o estudo do conhecimento nas organizações’, que ocorreu em 1998, promovido dentro do *American Academy of Management Annual Conference*, em San Diego, organizado por Davide Nicolini e Dvora Yanow, e, segundo, a edição especial do periódico *Organization*, em que os autores: Frank Blackler, Norman Crump, Seonaidh McDonald, Davide Nicolini, Lucy Suchman, Etienne Wenger, Dvora Yanow e a própria Silvia Gherardi, apresentam pesquisas desenvolvidas como fruto do simpósio citado, em que seguem orientações intelectuais originárias de diversas tradições.

Gherardi (2000) conta que as tradições de pesquisa representadas naquela edição abordaram: a Teoria da Atividade (TA), a Teoria Ator-Rede (TAR), a Teoria da Aprendizagem Situada (TAS) e a perspectiva cultural da aprendizagem organizacional, que juntas formavam o grande grupo na época denominado pela autora de teorização baseada na prática. A autora ainda ressalta que existia a intenção do grupo de construir uma única teoria, mas que esta ideia inicial deu lugar apenas à tentativa de mostrar que, entre as diversas conversações em curso sobre conhecimento e organizações, existia uma identidade emergente, centralizada na ideia de prática.

Gherardi (2009b) também lembra que, para localizar o início dos Estudos Baseados em Prática (EBP)<sup>1</sup> e os tópicos a que se refere, é preciso considerar

os anos 1990, quando surgiram diversos debates em comunidades de estudiosos sobre os temas aprendizagem organizacional e organização da aprendizagem. Como consequência destes debates da época, a expressão ‘aprendizagem organizacional’ começou a perder seu apelo e consenso. Seu lugar foi ocupado pela expressão altamente simbólica de ‘gestão do conhecimento’ e os artigos inspirados nessa noção logo superaram aqueles dedicados à aprendizagem. O debate desencadeado envolveu discussões entre os acadêmicos que queriam mudar a ênfase para ‘gestão do conhecimento’ e aqueles que, ao invés disso, defendiam o uso do termo anterior. Em outras palavras, o debate girou em torno da descoberta de que o Conhecimento é um dos recursos mais significativos da sociedade contemporânea e que o aprendizado organizacional é um processo a ser gerenciado como qualquer outro processo organizacional.

Surgiram, no entanto, algumas dificuldades conceituais relacionadas à questão em debate levando ao desencadeamento da ‘virada da prática’, como explica a autora a seguir:

No entanto, o recurso ‘conhecimento’ mostrou-se difícil de ser entendido usando as categorias tradicionais da análise organizacional. A principal dificuldade foi definir ‘conhecimento’ como se fosse um objeto. Assim, em analogia com a mudança conceitual da década de 90, de ‘organização’ para ‘organizando’ (Clegg e Hardy, 1996, p. 4), o termo ‘conhecimento’ (que induziu sua conceituação em termos de ‘objeto’) foi substituído por ‘conhecendo’, isto é, uma atividade e processo que se desenrola ao longo do tempo (Blackler, 1995). Este foi um ponto de virada nos estudos sobre aprendizagem e conhecimento nas organizações e abriu caminho para a mudança de prática nessa área de estudos sociais, antecipando o célebre livro de Schatzki et al. (2001) (GHERARDI, 2009b, p. 353, tradução nossa).

Gherardi (2009b) também conta que essa nova proposta teórica de que o Conhecimento deve ser definido como uma atividade, como um ‘fazer’ coletivo e distribuído, levou o Conhecimento a ser considerado uma atividade situada no tempo e no espaço, como ocorre nas práticas de trabalho. Assim, a ‘prática’, foi constituída como o locus da aprendizagem, do trabalho e da inovação; e estes, por seu turno, poderiam ser conceitualizados como atividades práticas, como uma bricolagem coletiva de participantes de uma prática, mobilizando recursos, utilizando instrumentos e empregando

uma racionalidade contingente e direcionada a objetivos. Com isso, consolidam-se as tradições de pesquisa para a compreensão de como as atividades são realizadas no local de trabalho e a relação entre trabalhar, conhecer, inovar e organizar (CORRADI, GHERARDI, VERZELLONI, 2010). Iniciou-se, assim, a construção de um arcabouço teóricometodológico, em torno do termo EBP, que expressa um conjunto e que, apesar da diversidade, possui pontos comuns, dentre eles a busca pela superação de dualismos tais como sujeito-objeto, mente-corpo, micro-macro, natureza- cultura, estrutura-agência (GHERARDI, 2009a, 2009b).

Considerando a disseminação dos estudos relacionados à prática, começa a ser dado mais destaque às tradições reconhecidas como presentes no campo dos EO, dado a impossibilidade de se cunhar uma única teoria da prática no campo. O livro de Nicolini, Gherardi e Yanow, intitulado *Knowing in Organizations: A Practice-based Approach*, publicado em 2003, citado por Svabo (2009), é um exemplo de trabalho que procura reconhecer estas tradições nas pesquisas realizadas no campo, muito embora usando terminologias um pouco diferentes do que foi apresentado como tradições teóricas por Gherardi (2000) na edição especial do periódico *Organization*, ratificando estas contribuições teóricas para os EBP e reconhecendo a existência das quatro tradições: interpretativismo cultural, aprendizagem social, teoria da atividade cultural e histórica, e sociologia da translação.

Nesta mesma linha de pensamento e acolhendo as contribuições de Nicolini, Gherardi e Yanow, Bispo (2013) adiciona uma quinta proposta teórica, que segundo o autor, foi desenvolvida por Gherardi em 2006, denominada de Estudos no Local de Trabalho (*workplace studies*). Bispo (2013) também prefere, diferentemente de Svabo (2009), mudar a denominação de Aprendizagem Social para Comunidades de Prática, denotando que muitas vezes a mesma tradição pode ter várias terminologias.

Adverte Bispo (2015) que as teorias da prática são uma espécie de guarda-chuva para um conjunto de teorias e abordagens, o que implica em existir independência uma da outra. Contudo, mas que possuem pressupostos compartilhados e que permitem

reconhecê-las ‘Quanto à classificação dos teóricos da prática’.

No intuito de identificar uma classificação mais ampla para as ‘teorias da prática’, avançamos no reconhecimento do trabalho de Corradi, Gherardi e Vezerlloni (2008; 2010)<sup>2</sup> que procuram estudar os EBP, não como tradições, mas como um movimento que reúne várias linhas de pesquisa com certos interesses comuns, denominadas de rótulos<sup>3</sup>, pois, para os autores este termo expressa uma noção capaz de reunir um grupo heterogêneo de sujeitos em busca do mesmo objetivo.

A seguir, apresentamos, no Quadro 2, uma síntese desta forma de classificação que os autores desenvolvem empregando o termo rótulo, destacando que estes rótulos foram classificados em dois tipos:

primeiro, aqueles que consideram a prática como objeto empírico e, segundo, aqueles que identificam a prática como uma forma de ver, portanto, uma epistemologia.

No sentido de ilustrar como esta tarefa de identificação de uma classificação é complexa, citamos Feldman e Orlikowski (2011), que reconhecem a diversidade de **aplicações** da lente prática<sup>1</sup> nos EO, mas preferem se ater em apenas 03 (três): conhecimento, estratégia institucionalização e Tecnologia na Prática, acrescentada ao longo do texto.

Em outra linha de classificação, Feldman e Orlikowski (2011), ampliando outro tipo de classificação já ensaiada por Corradi, Gherardi e Vezerlloni (2010), dividem os rótulos em 02 (dois) grandes grupos (práticas como objeto empírico e prática como uma

**Quadro 2** Rótulos ou linhas de pesquisa dos EBP nos EO

Rótulos (2) (2008)	Rótulos (2010)	Primeiro e outros Autores (1)	Descrição
<b>Prática como objeto empírico</b>			
Da Comunidade de Prática para a Prática da Comunidade	(3)	Lave e Wenger (1991); Wenger 2000; Wenger e Snyder (2000)	As comunidades de prática crescem a partir de ações convergentes de competência e experiência que envolvem engajamento mútuo, proporcionando espaço de negociação e participação direta. Existem ainda diversas críticas a este rótulo, surgindo a proposta da noção de que as práticas são da comunidade.
Ponto de Vista Baseado em Prática	Ponto de Vista Baseado em Prática	Brown e Duguid (1991; 2001); Cook e Brown (1999)	Neste rótulo os pesquisadores veem o aprendizado como a ponte entre trabalho e a inovação e neste propósito prática diz respeito às atividades coordenadas de indivíduos e grupos na realização de seu ‘trabalho real’, conforme informado por um contexto organizacional ou de grupo específico, portanto a prática é vista como locus de aprendizagem e conhecimento.
Aprendizagem baseada em trabalho e aprendizagem baseada em prática	Aprendizagem baseada em trabalho e aprendizagem baseada em prática	Raelin, 1997; 2007; Boud e Middleton (2003); Fenwick 2006; Strati (2007); (Carlile 2004); (Nicolini 2007).	Reconhece que os profissionais, para serem proficientes, precisam preencher a lacuna entre conhecimento explícito e tácito e entre teoria e prática. A aprendizagem no trabalho permite que os profissionais usem as teorias para enquadrar sua compreensão do contexto, mas simultaneamente incorporam uma consciência dos processos sociais nos quais a atividade organizacional está incorporada. Preocupa-se com o processo de aprendizagem social e coletivo que ocorre na educação.
Prática como o que as Pessoas Fazem	Prática como o que as Pessoas Fazem	Pickering, (1990; 1992)	Outra maneira de considerar a prática como um objeto empírico compreende a concepção de prática como o que as pessoas fazem, expressão frequentemente usada no estudo de um fenômeno (ciência, gênero, rotina, liderança) como prática.
Prática como o que as Pessoas Fazem - Estratégia como Prática (4)	Prática como o que as Pessoas Fazem -Estratégia como Prática (4)	Whittington (1996; 2002, 2003; 2006); Whittington et al. (2003); Jarzabkowski (2003; 2007); Balogun et al. (2003)	A perspectiva da prática está relacionada à atividade gerencial, mais precisamente no tocante em compreender como os gerentes ‘fazem estratégia’.

<sup>1</sup> Fazem referência a este termo ao longo do texto, mas não o empregando como rótulo.

Rótulos (2) (2008)	Rótulos (2010)	Primeiro e outros Autores (1)	Descrição
<b>Prática como uma maneira de ver</b>			
Perspectiva Baseada em Prática	Perspectiva Baseada em Prática	Sole e Edmondson (2002); Swan et al. (2007)	Uma perspectiva baseada em prática enfatiza a natureza coletiva, situada e provisória do conhecimento, em contraste com uma visão racional-cognitiva do conhecimento. A prática conota o fazer e envolve a conscientização e a aplicação de elementos explícitos (linguagem, ferramentas, conceitos, funções, procedimentos) e tácitos (regras básicas, recursos incorporados, visões de mundo compartilhadas). O ponto central da perspectiva da prática é o reconhecimento dos contextos sociais, históricos e estruturais nos quais as ações ocorrem.
Abordagem Baseada em Prática	Abordagem Baseada em Prática	Carlile (2002); Yanow (2004)	É crucial ser capaz de observar como as pessoas fazem, como é o trabalho delas e quais esforços são necessários para resolver os problemas, levando em consideração suas combinações de objetos e finalidades.
Conhecer na Prática	Conhecer na Prática	Gherardi (2000) e Orlikowski (2002); Nicolini et al. (2003); Gomez et al. (2003); Strati (2003, 2007)	A prática é a figura do discurso que permite os processos de conhecimento no organizar articulado como processos históricos, materiais e indeterminados. A perspectiva sugere que o conhecimento não é uma capacidade estática embutida ou disposição estável dos atores, mas sim uma realização social contínua, constituída e reconstituída à medida que o ator envolve o mundo na prática. Interessados no conhecimento prático e recorrem a teoria ator-rede e à Etnometodologia para elaborar seu referencial. O conhecer na prática também está relacionado com o julgamento estético dos participantes, com o conhecer como atividade material e com a localização da prática no espaço-tempo.
Lente Prática (metáfora) e Pesquisa Orientada para a Prática	Lente Prática (metáfora) e Pesquisa Orientada para a Prática	Orlikowski, (2000); Levina e Vaast (2006); Schultze e Boland (2000); Schultze and Orlikowski (2004); Carlile (2005)	Uma lente prática para examinar como as pessoas ao interagirem com uma tecnologia em suas práticas atuais, promulgam estruturas que moldam seu uso emergente e situado desta tecnologia. Interessados no conhecimento prático e recorrem a Giddens e a teoria da estruturação para elaborar o referencial de análise.

**Fonte:** Adaptado de Corradi, Gherardi e Verzelloni (2008; 2010).

(1) Optamos por não somente apresentar o primeiro autor a empregar o rótulo, como fizeram os autores do trabalho citado, mas também nomear outros autores que aparecem no artigo como representantes do rótulo, de modo a facilitar nosso trabalho de classificação dos artigos analisados. É importante ressaltar que os nomes que constam nesta coluna são citados por Corradi, Gherardi e Verzelloni (2008; 2010), constando na seção Referências, apenas aqueles consultados.

(2) Além destes rótulos, Corradi, Gherardi e Verzelloni (2008) apresentam ainda neste trabalho os rótulos: 'Virada da Prática', que em função de sua descrição motivou a decisão de não apresentá-lo aqui, uma vez ter sido contemplado no Quadro 1, quando Schatzki aparece como representante da Teoria da Prática, e 'Prática como Metodologia', que também optamos por não apresentar, pois entendemos que houve reelaboração do rótulo, quando em 2010 propuseram a separação entre prática 'como objeto empírico' e 'prática como modo de ver'.

(3) Apesar deste rótulo não aparecer no trabalho de 2010, optamos por deixá-lo neste quadro, não só motivados por razões metodológicas ligados ao corpus analisado, mas também porque Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) nomeiam este rótulo como os primórdios dos EBP, assim como não voltam a situá-lo em nenhum outro rótulo ou diluí-lo em vários outros rótulos.

(4) Em função das características que encontramos no corpus analisado, colocamos em destaque este sub rótulo do rótulo maior Prática como o que as Pessoas Fazem.

forma de ver), propondo uma terceira perspectiva, a teórica. Para os autores, os trabalhos que abordam a prática como um **fenômeno** ou como **objeto empírico** destacam a ação humana diante do seu contexto organizacional e as pesquisas sobre prática como **forma de ver** ou **filosofia** se fundamentam na pre-

essa de que a realidade social é composta de práticas, isto é, ao invés de ver o mundo social como externo aos agentes humanos ou socialmente construído por eles, os estudos da prática como **perspectiva teórica** abordam, explicitamente, a prática em relação à teoria da prática. Apesar de incluem um foco na atividade

cotidiana, estão preocupados com uma explicação específica para a atividade estudada. Essa abordagem responde a **como** uma lente de prática articula relações teóricas particulares para explicar a dinâmica da atividade cotidiana, como elas são geradas e em como operam dentro de um determinado contexto e ao longo do tempo. Em todo caso, como lembram Feldman e Orlikowski (2011), todos esses três focos são relevantes para os estudos que usam uma lente prática, embora em algum estudo específico possa um foco ou outro ser enfatizado sobrepondo-se ao outro.

Além das classificações já comentadas é oportuno ressaltar o modo de classificação apresentado por Antonacopoulou (2015), considerando que, apesar do amplo interesse na prática, não existe um acordo bem definido sobre o que é prática. Sugere o autor que atualmente existem pelo menos cinco conceituações diferentes de prática, portanto tradições diferentes sobre como estudar prática: prática como ação; como estrutura-linguagem, símbolos, ferramentas, como sistema de atividades; como contexto social e forma de conhecer.

Com isso fica claro, que assim como a literatura que estudamos não apresenta consenso sobre os teóricos da prática que influenciaram as Ciências Sociais, também não existe consenso sobre os rótulos/linhas de pesquisa/aplicações nos EO. A opção por qualquer classificação é em grande parte arbitrária, o que deixa margem para que também possamos propor a nossa visão da problemática.

A seguir, passamos a apresentar e discutir os achados proporcionados pela análise do *corpus* eleito para a pesquisa.

### 3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o reconhecimento de algumas formas de classificação, passamos novamente à leitura do *corpus* a partir dos achados sintetizados nos Quadro 1 - Teoria da Prática e Quadro 2 - Rótulos ou linhas de pesquisa dos EBP. Entretanto, mesmo diante destes quadros, enquanto categorias de análise, foi necessário acrescentar prisma teórico e rótulo na medida em foram surgindo trabalhos em que não conseguíamos fazer a classificação com apenas os da-

dos anteriormente identificados na literatura. Sendo assim, apresentamos o Quadro 3, onde se encontram sintetizados os achados com a análise do *corpus* em relação à classificação dos trabalhos.

Iniciando pelos teóricos da prática nas Ciências Sociais, destacamos a influência de Certeau (22). É bom ressaltar que este autor, pouco citado na literatura internacional consultada, propunha-se a apresentar classificações, enquanto que no *corpus* analisado foi o segundo tema/teoria mais empregado.

Outras pesquisas se referem a Bourdieu (6), Schatzki (5), Latour (3), Giddens (1), Foucault (1) e Dewey (1), mas em menor número. Também é curioso observar que apesar do número de trabalhos com ênfase em Bourdieu ser maior do que os com ênfase em Schatzki, esperava-se o contrário, uma vez que a grande maioria dos textos utilizam Schatzki como um portão de entrada para primeiro situar o leitor sobre o que é 'prática'. Um exemplo disso pode ser visto em Gomes e Silva Júnior (2019).

Além destes autores já identificados na revisão da literatura, a análise do *corpus* apontou ainda outro autor: MacIntyre (1).

Para Alasdair MacIntyre, como esclarece Martins e Figueiredo (2015), a tradição consistiria na prática ou conjunto de práticas desenvolvidas no "seio" da organização, que recebe a denominação de comunidade. As tradições são, portanto, constituídas por um conjunto de ações baseadas em normas comunitárias, as quais ele chama de práticas ou conjunto de práticas. Sendo assim, é a partir da compreensão do significado de tradição em relação à prática que Martins e Figueiredo (2015) acolhem o estudo de MacIntyre no intuito de relacionar o seu pensamento frente aos pressupostos da prática.

Quando deslocamos o olhar para os rótulos ligados ao campo dos EO como propostos por Corradi, Gherardi e Verzelloni (2008; 2010), chama a atenção a posição de destaque do rótulo Prática como o que as Pessoas Fazem - Estratégia como Prática. Este é o rótulo mais abordado pelas publicações. Foram 26 artigos sobre um único rótulo. O modelo de pesquisa que parte da investigação das práticas a partir do que as pessoas fazem, vem ganhando também proeminência em relação a outros temas, que, a exemplo do tema estratégia, são caros aos EO: consumo (4), sustentabilidade (3), empreendedorismo (2), gênero

**Quadro 3** Teóricos e rótulos identificados nas publicações brasileiras

	Teórico/Rótulo	Quant.	Perc.
Teóricos	Michel de Certeau	22	18,64%
	Pierre Bourdieu	6	5,08%
	Theodore Schatzki	5	4,24%
	Bruno Latour	3	2,54%
	Antony Giddens	1	0,85%
	John Dewey	1	0,85%
	Michael Foucault	1	0,85%
	Alasdair MacIntyre	1	0,85%
Rótulos	Prática como o que as Pessoas Fazem - Estratégia como Prática	26	22,03%
	Comunidade de Prática	10	8,47%
	Conhecer na Prática	8	6,78%
	Lente Prática	4	3,39%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Consumo como Prática	4	3,39%
	Organizar na Prática	4	3,39%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Sustentabilidade como Prática	3	2,54%
	Aprendizagem Baseada em Prática	2	1,69%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Empreendedorismo como Prática	2	1,69%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Gênero como Prática	2	1,69%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Liderança como Prática	2	1,69%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Mercado como Prática	2	1,69%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Emoções como Prática	1	0,85%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Inovação como Prática	1	0,85%
	Prática como o que as pessoas Fazem - Política como Prática	1	0,85%
	Prática como o que as Pessoas Fazem - Relações de Trabalho como Prática	1	0,85%
	Sem Rótulo Definido	5	4,24%
		<b>Total</b>	<b>118</b>

Fonte: Dados da pesquisa

(2), liderança (2), mercado (2), emoções (1), inovação (1), política (1) e relações de trabalho (1). O percentual dos trabalhos analisados que seguem esta orientação do rótulo Prática como o que as Pessoas Fazem, considerando estes temas como desdobramentos deste rótulo, estaria próximo dos 38%. Esta postura denota um viés da abordagem inicialmente aplicada aos EBP, que ligava a prática somente às questões do conhecimento e da aprendizagem organizacional.

Observa Gherardi (2009a), que a maior difusão e aceitação dos EBP tem sido acompanhada de preocupações com a perda de poder crítico do conceito de prática, por considerar moldes mais ortodoxos de suposição racionalista e cognitivista dos EO, como ocorre quando o termo 'prática' é empregado sendo supostamente sinônimo de 'rotina' ou considerado um equivalente genérico de 'o que as pessoas realmente fazem', sem abordar o vínculo entre Prática e Conhecimento. Isto se dá muitas vezes

porque o termo é empregado privilegiando os atores das quais deriva a ação, em detrimento da apropriação do conceito de prática localizado na fonte dos padrões significativos de como a conduta é legalizada, executada ou produzida.

Nesta acepção crítica do emprego do rótulo Estratégia como Prática, Bispo (2015) lembra que existem 02 (dois) problemas principais ao ser ele empregado por muitos pesquisadores: o primeiro é que muitos não têm uma concepção clara do que é prática, e o segundo, é que, na maioria das vezes, concentram-se apenas na ideia racionalista de estratégia dos gerentes.

Por outro lado, este movimento de ampliação do escopo de aplicação das teorias da prática nos EO, pode ser visto, assim nos lembra Pimentel (2018), como um esforço de consolidação do campo.

Em todo caso, nossa análise nos permitiu ponderar que tanto se trata da existência de trabalhos passíveis de críticas, como denota um movimento de consolidação das teorias na Área da Administração.

Para asseverar nossa assertiva, ressaltamos que a análise que empreendemos nos possibilitou identificar que, quando considerados os artigos com enfoque em 'o que as pessoas fazem' (rótulo Prática como o que as Pessoas Fazem – 50 artigos), encontramos que 21 deles, quase 50%, são ensaios teóricos que buscam fazer aproximação teórica entre os construtos eleitos para a consecução da pesquisa. Em nosso entendimento, este movimento representa dois aspectos: primeiro, os autores reconhecem as peculiaridades em volta das teorias da prática de que não basta usar alguma influência da prática em associação a outros temas/teorias, mas que é necessária a aderência epistemológica entre eles. Segundo, também identificam a necessidade de convencer a audiência da academia, além de descrever melhor a pertinência desta aderência.

Além destes trabalhos, cujos rótulos já previamente antecipados pela revisão da literatura sobre os EBP, também identificamos no *corpus* outra abordagem ou linha de pesquisa que não aborda o conhecimento e a aprendizagem, não mencionada antes em nossa revisão da literatura e que também chamamos de rótulo. Trata-se do rótulo Organizar na Prática (4). São pesquisas que destacam o organizar em detrimento da organização. Como lembram Feld-

man e Orlikowski (2011), embora os estudiosos da organização estejam cada vez mais preocupados com a ação e o processo, desde que os estudiosos foram instados a assistir o organizar, em vez da organização, grande parte da teoria organizacional ainda permanece amplamente focada em entidades.

Os artigos encontrados consideram "a organização como um processo coletivo que consente à manutenção social, criação de significados e compartilhamento de saberes. Nesta perspectiva, as organizações são compreendidas como um movimento resultante da dinâmica e do processo de organizar (*organizing*), ou simplesmente como processos organizativos" (BISPO; SOARES; CAV-ALCANTE, 2015, p.103). Por isso, para este tipo de enfoque, as teorias sobre a prática representam uma ontologia social distinta, pois são fundamentais para a produção da realidade social, devendo ser assim utilizadas para reconsiderar e redefinir o fenômeno de interesse (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Neste rótulo, cremos que o trabalho seminal mais citado é Czarniawska (2008). Também é curioso observar que as 04 (quatro) ocorrências deste rótulo foram todas encontradas em publicações de periódicos e não no site da ANPAD.

Quanto aos outros rótulos já antecipados pela revisão da literatura e que dão ênfase ao conhecimento que surge na e da prática, destacamos os rótulos Comunidade de Prática (10), Conhecer na Prática (8) e Aprendizagem Baseada em Prática (2). Ainda citamos o rótulo Lente Prática, representado apenas por uma publicação interessada no conhecimento prático gerado nas pessoas que trabalham com tecnologia. É um rótulo que também foi designado por Feldman e Orlikowsky (201) de 'Tecnologia na Prática'. Este número reduzido de trabalhos com foco no conhecimento e aprendizagem, também surpreende dado que as revisões de literatura que encontramos no *corpus* frequentemente citam trabalhos sobre conhecimento e a aprendizagem organizacional, mas, de fato, trabalhos com este enfoque representam apenas 16% dos trabalhos que analisamos.

Encontramos 05 (cinco) trabalhos não passíveis de enquadramento em algum rótulo. Isso porque eram revisões bibliográficas, que, como a nossa, não se propunham a revisar um rótulo específico, mas

todos os rótulos que aparecem na literatura, ou ensaio que tratava de uma metodologia específica.

Por fim, ressaltamos, que, muitas vezes tivemos dúvida em relação à classificação, haja vista as características intrínsecas às pesquisas analisadas. Para tornar a categorização inequívoca desenvolvemos critérios de enquadramento, como por exemplo: para os trabalhos que faziam referência a vários rótulos, como o de Spier, Nascimento e Lessa (2019), que apresentou ao longo do seu trabalho, notadamente no referencial teórico, os rótulos: Conhecer na Prática, Aprendizagem Baseada em Prática e Ponto de Vista Baseado em Prática. Optamos por avaliar qual a maior ênfase dada nas análises e a maneira como ela era desenvolvida. Deste modo, para este trabalho específico, acabamos por classificá-lo no rótulo de 'Aprendizagem Baseada em Prática', pelo fato da análise realizada aproximar-se mais das questões pertinentes a este rótulo. Por outro lado, também identificamos trabalhos que assumiam um rótulo, muitas vezes até no próprio título do trabalho, mas o desenvolvimento da pesquisa era todo direcionado para um outro rótulo. Assim como ocorreu no primeiro exemplo apresentado, decidimos escrutinar a seção dos resultados e decidir sobre, de fato, qual rótulo a estava inspirando. Outros trabalhos, por outro lado, são bem rigorosos no que tange ao rótulo e com a apresentação das influências recebidas, como é o caso do trabalho de Lima e Cunha (2019) que não deixa dúvidas quanto à atribuição do rótulo, estes se autodenominam de modo bem coerente.

A dificuldade que encontramos durante as análises remete-nos ao problema metodológico de sínteses empíricas, apontado por Gauthier et. al. (2013, p.102) citando Dunkin e Biddle (1974), de que todos que trabalham no campo das Ciências Humanas sabem que a comparação entre as pesquisas empíricas produzidas fica prejudicada, uma vez que "não há ou há pouco consenso sobre os termos empregados para expressar determinado significado. Uma mesma palavra empregada em pesquisas distintas pode ter significados diferentes e palavras diferentes podem se referir à mesma realidade". Na verdade, este foi um problema enfrentado pela presente pesquisa. Observamos, principalmente, que um termo que aparece em determinado rótulo, pode ser empregado mesmo em se fazendo alusão a autores que são rep-

resentantes claros de outros rótulos. Por exemplo: é muito comum encontrarmos os termos lente prática e abordagem baseada em prática, sem que necessariamente, estejam os autores que cunharam estes termos empregando-os como linha de pesquisa específica. Igualmente, outro aspecto agravante mais este problema metodológico reside no fato de grande parte do material consultado para os referenciais teóricos das pesquisas ser de origem estrangeira, o que pode alimentar ainda mais este impasse por problemas de tradução. Além disso, também se reconhece que tanto na linguagem científica quanto na linguagem comum, o termo 'prática' se refere a uma pluralidade de campos semânticos (GHERARDI, 2009a).

Para tentarmos suplantar esta dificuldade de identificação dos rótulos, decidimos, ao longo da pesquisa, procurar identificar aqueles trabalhos que pareciam bem coerentes e conscientes do emprego dos rótulos e passamos a classificar os trabalhos conforme a seguinte nomenclatura de: único rótulo, vários rótulos como coerência entre si e vários rótulos sem coerência entre si, como segue demonstrado no Quadro 4:

**Quadro 4** Modo de emprego dos teóricos/rótulos

Modalidade	Quant.	Percent.
Único rótulo	68	57,63%
Vários rótulos com coerência entre si	38	32,20%
Vários rótulos sem coerência entre si	12	10,17%
<b>Total</b>	<b>118</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa

Percebemos que esta nova classificação, além de dar uma noção de como têm se desenvolvido as publicações sobre prática na área de Administração no Brasil, possibilita avaliar a qualidade dos trabalhos em função da coerência no emprego dos rótulos. O Quadro 4, de certo modo, revela a raiz do problema de não termos conseguido fazer uma primeira classificação indutivamente, haja vista que 42,37% dos trabalhos empregam vários rótulos para fundamentar suas escolhas epistemológicas e ontológicas. É certo que um número considerável (32,20%) de trabalhos conseguia articular os vários rótulos empregados de modo fundamentado para dar credibilidade aos seus

argumentos, identificamos trabalhos que parecem desconhecer a delicada separação entre os rótulos (10,17%) e suas peculiaridades intrínsecas, dando a impressão de que seus argumentos não passam de ‘sopa de letrinhas’, algo que reflete bem o que Bispo (2015) chamou de Frankenstein acadêmico, uma vez que os EBP requerem cuidados específicos para sua condução.

Em todo caso, Bispo (2015) também afirma ser possível e positivo usar duas ou mais abordagens dos EBP de forma combinada, para investigar e entender muitos tipos de fenômenos sociais e organizacionais. Entretanto, esta possibilidade só é aberta se existir compartilhamento de raízes epistemológicas para tanto.

Quando se tem um rótulo<sup>4</sup> bem definido, a tendência é não fazer digressões sobre outros conceitos da ‘prática’, que acabam alcançando mais coerência nas discussões em relação ao elemento empírico escolhido. Exemplo disso ocorre com os trabalhos com enfoque em Certau, em que parecem bem mais definidos os conceitos empregados nas discussões, de modo o que acaba sendo mais bem abordado nas análises dos resultados.

Além da classificação em rótulos/teóricos e da forma como foram abordados em cada trabalho, também nos propomos a classificar o *corpus* enquanto filosofia, perspectiva e fenômeno, como pensado por Feldman e Orlikowski (2011). O Quadro 5, a seguir, dá uma noção dos achados nas análises:

**Quadro 5** Classificação conforme Feldman e Orlikowski (2011)

<b>Categoria</b>	<b>Quant.</b>	<b>Percentual</b>
Fenômeno	22	18,64%
Perspectiva	73	61,86%
Filosofia	23	19,49%
<b>Total</b>	<b>118</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa

Na abordagem que identificamos como Filosofia (23), a grande maioria pertencia ao ensaio teórico (21). No entanto, observamos considerável número de trabalhos que procuram relacionar alguma teoria da prática a um fenômeno específico, uma abordagem que Feldman e Orlikowski (2011) chamam de

perspectiva (73). Poucos trabalhos abordam a prática apenas como fenômeno (22). Todavia, o que ficou mais evidente em a nossa análise é que, apesar de um foco ou outro ser enfatizado, o que ocorre é sobreposição destes. Por exemplo, quando identificamos um trabalho utilizando a prática como ‘fenômeno’, não estamos querendo afirmar que não encontramos movimentos no sentido de reconhecer a utilização da prática como ‘perspectiva’ ou como ‘filosofia’, mas somente afirmamos haver uma prevalência daquele em relação a estes dois últimos enfoques, porque existe um emprego unificado a respeito da aplicação das teorias de prática e, com isso, reconhecemos que as formas de intervenção desta perspectiva teórico-epistemológica são múltiplas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreendermos como as teorias da prática foram empregadas nas publicações da área de Administração, entre 2014 e 2019, optamos por classificar os trabalhos selecionados. É fato que pretendíamos fazer esta classificação de modo indutivo, mas a diversidade de aplicações da prática, encontradas no *corpus* analisado, impeliu-nos a rever a metodologia definida inicialmente, o que nos levou a partirmos da revisão da literatura a que se propunha a enveredar no desafio de sistematização do conhecimento sobre prática. Acabamos por usar uma racionalidade dedutiva para fazer a classificação e, a partir daí, conhecer a rede de pesquisadores.

Entre os principais achados revelados por este estudo, destacamos o fato da maior parte dos trabalhos citados na revisão teórica do *corpus* estudado tratar dos EBP com foco no conhecimento e aprendizagem, embora tenha sido observado que os trabalhos que compõem o *corpus*, em si, não têm necessariamente esta ênfase, haja vista que a maioria optou por discutir outras questões relacionadas à prática, notadamente: a estratégia, o cotidiano, o consumo, a sustentabilidade, o empreendedorismo, o gênero, a liderança, o mercado, as emoções, a inovação, a política, as relações de trabalho e os processos organizativos.

Também observamos que as classificações que encontramos não eram suficientes para dar conta dos

achados, por isso fizemos uso de uma conjugação de classificações e ainda acrescentamos outras que nos foram apresentadas na análise do *corpus*. Este fato, sem dúvida, ressaltou a diversidade e a peculiaridade das publicações no Brasil.

Quanto à classificação dos teóricos, não encontramos em nossa revisão da literatura nenhuma sistematização definitiva em torno daqueles que contribuíram com os EBP. Construimos então o Quadro 1, conjugando o obtido na revisão da literatura que empreendemos com o que era mais recorrente no *corpus*. Na versão final da nossa classificação (Quadro 3), acrescentamos outro teórico que nos foi apresentado apenas mediante a análise do *corpus*.

Já a classificação em rótulos, composta por autores da área da Administração, correspondente à designação ampla de Estudos Baseados em Prática (EBP), foi acolhida a partir dos trabalhos de Corradi, Gherardi e Verzelloni (2008; 2010). Mas, se por um lado esta classificação excedia em rótulos não abordados pelas publicações brasileiras, por outro lado, também apresentava lacunas, por não conseguir atender às peculiaridades dos trabalhos revelados pela análise, o que não obrigou, também, a que se cunhasse nova denominação.

A análise também nos possibilitou apontar de modo específico qual o percentual de trabalhos que corroboram as várias críticas levantadas de que muitos não têm concepção clara do que sejam práticas, daí indicarmos que 10,17% dos trabalhos não articulavam de forma coerente os teóricos/rótulos entre si.

Quanto às limitações, temos que considerar problemas de interpretação para fins de classificação, principalmente em relação aos trabalhos que não eram fiéis a apenas um teórico/rótulo. A título de proposição de trabalhos futuros, sugerimos a realização de revisão sistemática sem restringir a literatura pesquisada às publicações brasileiras, permitindo com isso um maior alcance para a compreensão do uso desta teoria.

Por fim, em consonância com Gherardi (2015), ressaltamos e lamentamos que alguns trabalhos tenham sido deixados de fora ou que os entendemos errado. Também destacamos que não desconhecemos os perigos de conversão do complexo no singular que toda simplificação envolve. É bom ressaltar, todavia, que nosso objetivo com esta proposta de classificação

é o de facilitar a compreensão das teorias da prática nos EO, pois um neófito na temática pode sentir-se privado de sínteses que o ajudem a compreender, principalmente em como ocorre o movimento dos EBP no Brasil. Como demonstramos, nem as classificações que identificamos parecem ilustrar adequadamente o movimento em curso no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Natasha G. M. Teorias macrosociológicas da criminalidade. In: **Confluências**. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 20 n. 3, p. 99-118, dez./2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO (ANPAD). Apresentação. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/sobre.php>>. Acesso em: 01 agos. 2020.

BISPO, Marcelo. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2 n. 1, 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/10058>>. Acesso em: 01 agos. 2020.

BISPO, Marcelo de Souza, SOARES, Lídia Cunha, CAVALCANTE, Erica Dayane Chaves. Panorama dos Estudos Sobre “Prática” no Brasil: Uma Análise da Produção. In: ENCONTRO DA ANPAD, 38., 2014, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2014.

BISPO, Marcelo de Souza. Methodological reflections on practice-based research in organization studies. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 12, n. 3, p. 309-323, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/bar/v12n3/1807-7692-bar-12-03-00309.pdf>>. Acesso em: 01 agos. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (org.) Pierre Bourdieu: Sociologia. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

CARLOS, Camila Fernanda dos Santos; OLIVEIRA, Josiane Silva. Práticas de organização e a constituição do corpo no cotidiano organizacional: etnografia de uma comunidade cristã católica. In: ENCONTRO DA ANPAD, 43., 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2019.

CORRADI, Gessica; GHERARDI, Silvia; VERZELLONI, Luca. Ten good reasons for assuming a 'practice lens' in organization studies. In: OLKC Conference. 3., **Anais...**, 2008.

CORRADI, Gessica; GHERARDI, Silvia; VERZELLONI, Luca. Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management Learning**, v. 41, n.3, p. 265-283, 2010.

CZARNIAWSKA, Barbara. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 03 n. 01, p. 04-20, 2008.

FELDMAN, Martha S.; ORLIKOWSKI, Wanda J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization science**, vol. 22 n. 5, p. 1240-1253, 2011. Disponível em: < <https://escholarship.org/content/qt8g33n86c/qt8g33n86c.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2020.

GAUTHIER, Clermont et. al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

GHERARDI, Silvia. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. *Organization*, v. 7 n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, Silvia. Introduction: The Critical Power of the Practice Lens. **Management Learning**, v. 40 n. 2, p. 115-128, 2009a.

GHERARDI, Silvia. Knowing and learning in practice-based studies: an introduction. **The Learning Organization**, v. 16 n. 5, p.352 – 359, 2009b.

GIDDENS, Antony. Marx's correct views on everything. **Theory and Society**, v. 14, p. 167–174, 1985. Disponível em: <https://doi-org.ez76.periodicos.capes.gov.br/10.1007/BF00157531>. Acesso em: 08 jun. 2020.

GOMES, Aline Ribeiro; SILVA FILHO, José Carlos Lázaro da. Abordando o Consumo de Água em um Órgão Público através das Lentes das Práticas: compreendendo lacunas para possíveis intervenções. In: ENCONTRO DA ANPAD, 43., 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2019.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory: A few clarifications. **Soziale welt**, v. 47 n. 4, p. 369-381, 1996. Disponível em: <<http://transnationalhistory.net/interconnected/wp-content/uploads/2015/05/Latour-Actor-Network-Clarifications.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

LIMA, Mirian Assumpção; CUNHA, Maria Alexandra V. Cortez. O emprego das mídias sociais no policiamento: um estudo sob a lente da prática. In: ENCONTRO DA ANPAD, 43., 2019, São Paulo, **Anais...**, São Paulo, 2019.

MARTINS, Daniel Felipe Victor; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. A perspectiva de Alasdair MacIntyre para os estudos da prática nas organizações. ENCONTRO DA ANPAD, 39, **Anais...**, Belo Horizonte, 2015.

MEDEIROS, Ana Carolina Peixoto; MENDONÇA, Ricardo Costa de. Análise da Profissionalidade do Docente de Administração nos Institutos Federais a luz da Epistemologia da Prática Autoria. In: ENCONTRO DA ANPAD, 43, **Anais...**, São Paulo, 2019.

MENDES-DA-SILVA, Wesley. Contribuições e limitações de revisões narrativas e revisões sistemáticas na área de negócios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23 n. 2, p. 1-11, 2019. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552019000200001&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552019000200001&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 8 jun. 2020.

PIMENTEL, Ricardo. Estudos baseados na prática sobre sustentabilidade: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA ANPAD, 42., 2018, São Paulo, **Anais...** Curitiba, 2018.

POWER, Michael. Foucault and sociology. **Annual Review of Sociology**, v. 37, p. 35-56, 2011.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European journal of social theory**, v. 5 n. 2, p. 243-263, 2002.

SCHATZKI, Theodore R. Peripheral vision: The sites of organizations. **Organization studies**, v. 26 n. 3, p. 465-484, 2005.

SPIER, Kelly Fabiane; NASCIMENTO, Luís Felipe Machado; LESSA, Bruno de Souza. A aprendizagem baseada na prática e a educação sustentável de alunos de Administração da UFRGS. In: ENCONTRO DA ANPAD, 43., 2019, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2019. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/sobre.php>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

SVABO, Connie. Materiality in a practice-based approach. **The Learning Organization**, v. 16 n. 5, p. 360, 2009. Disponível em: < [https://www.academia.edu/download/36475849/Publ8\\_16\\_Svabo\\_Materiality\\_in\\_a\\_practice-based\\_approach.pdf](https://www.academia.edu/download/36475849/Publ8_16_Svabo_Materiality_in_a_practice-based_approach.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2019.

## NOTAS DE FIM

1 O Termo EBP é cunhado apenas com o amadurecimento do tema 'prática' em EO, pois observamos que em Gherardi (2000) é usada a expressão 'teorização baseada na prática'. Em publicações mais recentes (SVABO, 2009; BISPO, 2013; 2015; Gherardi 2009a; 2009b e outros) parece existir consenso de que o conjunto de orientações teóricas da prática que são desenvolvidas no campo de organizações é reconhecido pelo termo EBP. Por sua vez, no campo das Ciências Sociais emprega-se o termo Teoria da Prática, como um subtipo das Teorias Culturalistas. Diante disso, de agora em diante, sempre que nos referirmos às teorias da prática nos EO, iremos utilizar a expressão Estudos Baseados em Prática (EBP).

2 No intento de demonstrarmos a complexidade e as aproximações que envolvem os modos de classificação de um tema tão complexo, vale ressaltar que mesmo se tratando da mesma equipe de pesquisadores, eles mesmos optaram por elaborar/desenvolver rótulos diferentes em apenas 2 (dois) anos de diferença entre publicações, conforme tivemos acesso.

3 Optamos por deixar o termo 'rótulo', conforme nossa referência (CORRADI, GHERARDI, VERZELLONI, 2008; 2010), apesar de poder sugerir um sentido pejorativo e de enquadramento como ocorre em algumas abordagens sociológicas, como na Teoria da Rotulação ou Etiquetamento (ABREU, 2018), por exemplo. Isso se dá devido a opção dos autores de ressaltar estudos de Fujimura (1988, 1995) que trazem à mente a ideia de uma jornada coletiva, que expressa uma atividade envolvente capaz de reunir um grupo heterogêneo de sujeitos em busca de um mesmo objetivo, em que este autor identifica duas fases distintas para fazer deslanchar o movimento. A primeira fase é a da rotulagem ou etiquetagem, que consiste em identificar um campo de significado suficientemente amplo para abranger um número de adeptos capazes de o interpretar e o reconhecer como interessante. A segunda fase é o da apropriação coletiva do rótulo geral e sua reprodução nas práticas locais por meio da adaptação e modificação de acordo com as necessidades e restrições locais em um efeito de bola de neve.

4 Cabe lembrar, que atribuir a designação de 'único rótulo' não implica em dizer que não foram citados outros autores, mas que existe uma deliberação em seguir determinado caminho teórico. Este fato foi abordado quando discorremos sobre os trabalhos que enfatizam a recorrência dos trabalhos da obra de Bourdieu e Schatzki.